

## De Brandão a Abelaira: um Tempo de Desesperança

Prof. Dr. Edimara Luciana Sartori<sup>1</sup> (CEFET-RS, Uned Passo Fundo)

### Resumo

*Este trabalho comporta uma análise do romance *Sem tecto, entre ruínas*, de Augusto Abelaira, sob a perspectiva das mudanças históricas ocorridas, sobretudo, na segunda metade do século XX. O romance simboliza um espaço marcado pela sensação de mal-estar e insatisfação que corrói qualquer propósito de realização. Retirando o mote do romance das Memórias, de Raul Brandão, Abelaira cria uma obra de ficção que reflete os anseios e angústias de homens incapazes de realização e que pensam e pesam tanto seus atos e negligências como os rumos da História desse conturbado século XX. Ao explicar a gênese do romance no posfácio, o autor sugere a hibridez da obra e problematiza o próprio ato da escrita e o produto obtido, mesclando aos sentimentos do autor (real) as frustrações da personagem-protagonista, aos anseios e dúvidas da personagem a visão cética e crítica da realidade que o escritor vive.*

**Palavras-chave:** Romance português contemporâneo, **Sem Tecto entre ruínas**, Augusto Abelaira, pós-modernidade, desesperança.

### Introdução

Com uma pausa de dez anos em relação à publicação de *Bolor* e de quatro em relação a *Entre quatro paredes nuas*, o primeiro romance de Augusto Abelaira a ser publicado após a Revolução de 1974 foi *Sem tecto, entre ruínas*, em 1978. Contudo, o espaço romanesco representado é o do conturbado ano de 1968, sendo que um dos motivos mais recorrentes na obra diz respeito à administração política fascista. Já o título do romance anuncia uma paisagem marcada pelo desencantamento que provém da idéia de decadência, gerada pela ruína de um teto (simbologia da casa, do lar, da pátria portuguesa?), fato que matiza a imagem com as tintas do pessimismo. Nesse romance, Abelaira constrói um enredo que reproduz as angústias e ansiedades do sujeito que transita pelo espaço da conturbada segunda metade do século XX. Este estudo investiga as estratégias utilizadas pelo autor para (des)velar as relações tensas entre o sujeito e o espaço exterior, demonstradas pela descrença em qualquer propósito favorável e pela paralisia que ameaça a realização das personagens.

### 1 As Memórias da Gênese de um Romance

No astucioso posfácio do romance *Sem tecto, entre ruínas*, intitulado “Posfácio talvez inútil para ser lido alguns dias depois” (título no mínimo curioso, senão irônico), Augusto Abelaira explica a datação dessa obra, desde a sua gênese. Afirma o autor que começou o romance em Maio de 1968, período emblemático na história mundial. Depois de um trabalho irregular, com várias desistências e tentativas de escrever outros romances, Abelaira afirma que havia praticamente concluído o romance em fevereiro de 1974, dois meses antes da revolta do 25 de Abril, fato que o levou a desistir da publicação, visto que a obra não condizia mais com os últimos acontecimentos do país e refletia “uma época ultrapassada (ou aparentemente ultrapassada).” (ABELAIRA, 1979, p. 249) Enfim, em 77 e sobretudo 78, sente o romance “aproximar-se novamente” e então percebe que nada poderia escrever de novo se não o acabasse. Confessa que pensou em transformá-lo, diz que até chegou a “começar outra versão que implicava o conhecimento dos novos tempos (o conhecimento futuro em relação a 68, (...)) e um pouco à maneira d’*As boas intenções*” (id.), mas acabou desistindo porque concluiu que fazia uma obra nova utilizando-se de tal perspectiva.

O prefácio traz importantes considerações sobre a composição do romance, sobretudo (des)vela a sagacidade do autor, que deixa transparecer nas entrelinhas seu posicionamento crítico sobre a realidade portuguesa:

*Pareceu-me que conservaria maior actualidade se respeitasse – tanto quanto possível – a regra de ignorar a história portuguesa mais recente e optei por uma revisão de pura forma, revisão que não lhe alterasse o espírito inicial, a revisão a que o autor sempre procede depois de terminado o livro – o capítulo que se suprime, que se corrige, que se muda de lugar, a frase que se endireita. Mas mentiria se não confessasse que me faltou paciência para grandes correcções. (ABELAIRA, p. 249-250, grifos nossos)*

Anteriormente, Abelaira se refere ao tempo da ação representado no romance como um tempo ultrapassado, ou “aparentemente ultrapassado” para a data da publicação. Neste fragmento citado, ele declara que lhe pareceu que o romance conservaria maior atualidade se ignorasse a história portuguesa mais recente, ou seja, a consecução da sonhada Revolução dos Cravos. A seguir, o escritor afirma que somente “num ponto houve uma modificação importante, no título.” Em 1970, dois anos após o início da escritura do romance, Augusto Abelaira o “batiza” de *Pré-História*, título que viria a permanecer até junho de 1978. E acrescenta que, “com o título surge, muito conscientemente, o autor. O título é, ou pode ser, uma sugestão de leitura, uma interpretação da obra” (p. 250). A pré-história pressupõe uma história por vir, que o país ainda não entrou na História, “sem dúvida um título desconfortável, se forem considerados os oito séculos de história de Portugal”, como chamou a atenção Luci Ruas (2003, p. 558) em ensaio sobre a obra. Mas esse título traz ainda à tona outra questão de cunho ideológico: Portugal só começaria a ter história com a implantação do socialismo. *Pré-História* representa, assim, um “título de esperança (de supersticiosa esperança, título-esconjuro), necessária à época em que se vivia, a do fascismo. A forma talvez de dizer: depois da tempestade a bonança.” (STR, p. 250-251)

Fez-se a revolução “com cravos vermelhos” que simbolizavam a vitória do povo, a vitória do socialismo. Enfim, seriam os almejados tempos de bonança? Seria o início da História de Portugal? Conforme depoimento de Abelaira pode afirmar-se que não. E o título de prometida esperança?

Valeria a pena mantê-lo depois do 25 de Abril? Pareceu-me que não. Não precisamos já (não precisamos ainda?) de conjuros, de esperanças supersticiosas, e Raul Brandão, que abri ao acaso numa noite de insónia, traduz bem o espírito que no romance se encontra, se bem interpreto um romance que a si próprio se escreveu. (STR, p. 251)

O título com que a obra vem a lume é retirado das *Memórias*, de Raul Brandão, texto que também serve de epígrafe ao romance abelairiano. Título de pessimismo, *Sem tecto, entre ruínas*, que traduz o espírito que se encontra no romance. Fica assim estabelecido o contato entre as duas obras, uma do limiar do século XX, a outra do último quartel desse século, onde “Passado, Presente e Futuro constituem na história da cultura um todo, são sempre um diálogo contemporâneo.” (p. 248-249) No ensaio anteriormente citado, Luci Ruas (2003) explora o diálogo intertextual estabelecido entre os dois escritores portugueses, iniciando a investigação a partir das *Memórias* de Brandão. A epígrafe do romance abelairiano foi retirada do Prefácio da obra brandoniana que se constitui por “um texto confessional, de caráter fragmentário, escrito em primeira pessoa e em momentos diversos: (...) são reflexões que apontam para os principais caminhos percorridos pelo autor de *Húmus*, em seu pensar o homem e a existência, o mundo e seus tempos e contratempos.” (RUAS, 2003, p. 559) A ensaísta destaca que, nesse memorial, Raul Brandão “avalia o mau “uso” que faz da vida, a consciência amarga da inutilidade dos esforços para vivê-la e compreendê-la” (RUAS, 2003, p. 559), sendo dessa parte que Abelaira retira o fragmento que vai servir de epígrafe a *Sem tecto, entre ruínas*.

O espírito comum as duas obras diz respeito a uma reflexão acerca da condição existencial do homem e do espaço/tempo em que está inserido. Ambos os escritores viveram o breve e turbulento século XX, um século que assistiu a duas Grandes Guerras e ao vertiginoso progresso científico e tecnológico, acontecimentos contraditórios que marcaram a modernidade.

Se o “Prefácio” às *Memórias* aponta para a melancolia da decadência de um tempo, o de Abelaira, publicado a vinte e um anos do fim do século, aponta para uma espécie de neo-decadentismo, em que se representa o homem burguês a transitar no espaço social, em situação de absoluto desconcerto, de impossível integração. João Gilberto, o narrador-protagonista, é o exemplo cabal da incapacidade de realização. (RUAS, 2003, p. 560)

*Sem tecto, entre ruínas* reflete o desalento do homem diante de um mundo em escombros. Frente à incerteza do presente e do futuro, transparece o passado como um lugar de quietação. Neste sentido, a epígrafe funciona como uma síntese para a situação retratada no romance: “A vida antiga tinha raízes, talvez a futura as venha a ter. A nossa época é horrível porque já não cremos – e não cremos ainda. O passado desapareceu, do futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós, sem tecto, entre ruínas, à espera...” (STR, p. 8)

A incapacidade de realização de João Gilberto pode ser justificada por diferentes motivos, como a censura, a falta de liberdade num país sob o jugo do fascismo, a descrença na nova organização socialista pós-revolução, a “tirania” das sociedades capitalistas ditas democráticas no Ocidente e das socialistas no Oriente, a derrocada dos valores culturais que sustentaram a civilização humana até o momento. O nosso estudo analisa esses aspectos, que são postos em confronto, constituindo matéria de reflexão da personagem-protagonista, em vários momentos do relato.

## **2 A História em cena (ou encena)**

Em *Sem tecto, entre ruínas*, as frequentes reuniões de amigos, na casa do Bastos, sempre com a presença do jornalista francês, especialista em política asiática, têm por objetivo discutir os rumos da política portuguesa, ao menos da parte dos homens, visto que um outro grupo é formado pelas mulheres, que conversam principalmente sobre viagens e relações interpessoais. O narrador-protagonista circula entre os dois grupos – um que trata de assuntos de ordem coletiva/pública e o outro de assuntos de cunho pessoal/privado -, mas é importante ratificar que ele emite sua opinião mormente quando se trata de assuntos pertencentes ao domínio privado.

João Gilberto conserva-se atento à discussão sobre a política nacional, sobretudo através do confronto entre as opiniões de Bastos e Ernesto. Bastos acredita que a guerra na África está enfraquecendo o regime, além de dificultar o desenvolvimento econômico da metrópole e de prejudicar a abertura do país à Europa. Ernesto objeta que o país não dá pela guerra, não a sente, mas sua opinião é logo refutada pelo amigo que acrescenta que o exército está se cansando, e, para impressionar Dellorme, finaliza sua fala assegurando que a oposição prepara um plano revolucionário. Contudo, é comum a opinião de que o país está atrasado em relação ao progresso dos demais países da Europa ocidental. Ernesto explica o atraso português pela oposição de Salazar aos investimentos estrangeiros, à industrialização, porque o presidente entende que “atrás da industrialização viria o operariado, atrás do operariado...” (p. 18) O operariado reivindicativo representaria uma ameaça para o regime, mas não resta outra saída para o substituto do Salazar, Marcelo Caetano, que, conforme o Ernesto, teria de “correr o risco e tentar depois comprar o proletariado como se faz nos países capitalistas.” (p. 221-222)

A doença de Salazar gera um clima muito tenso não só para a população portuguesa mas também para os integrantes do Conselho, que cogitam a possibilidade de uma substituição do governo sem, contudo, tomar alguma decisão definitiva. É com ironia que João Gilberto lê no jornal a notícia de que o Presidente do Conselho apresenta estado de saúde estacionário e pensa que, “no

fundo, Salazar vai morrendo (sebastianistamente morrendo, sim, mas devagar), e ao mesmo tempo ridiculariza-nos – até aos próprios situacionistas que não se atrevem a nomear novo presidente do Conselho com medo que ele ressuscite e lhes venha pedir contas da traição.” (*STR*, p. 135) Ernesto também observa que Salazar está a jogar a sua grande partida, “depois de nos ter convencido a todos de que é imortal, um dia morrerá. (...) E seremos todos apanhados de surpresa. Sem um plano, sem uma idéia, belos sentimentos apenas.” (p. 47) Ernesto não crê que haja um plano revolucionário concreto que dê conta de uma administração contrária à política fascista. Este ponto de vista também é compartilhado pelo velho professor do liceu Herculano dos Santos que questiona João Gilberto sobre a capacidade administrativa da oposição:

Mesmo ganhando a oposição, que problemas resolveria? As estruturas do país são arcaicas, precisam de transformação. E onde vês os homens competentes? Terás de um lado os leitores de catecismos estrangeiros, eles conhecem a França ou a URSS mas não conhecem Portugal, a esquerda será isso. Do outro, os antifascistas que não compreendem a necessidade das transformações radicais. E a incompetência generalizada, o carreirismo, a corrupção... (p. 182)

A visão cética do velho professor evidencia todo desencantamento pelo destino político de Portugal, não há, portanto, uma oposição capacitada, com um programa coerente, que esteja empenhada em alavancar o desenvolvimento do país. Parece que a ação revolucionária foi seccionada senão completamente imobilizada pelo regime fascista. No entanto, as reuniões na casa do Bastos servem para que os amigos possam discutir a política portuguesa com seriedade e afincado; ao menos eles acreditam que estão a tramar uma resistência ao governo de Salazar. A propósito, Guilhermina, ex-mulher de João Gilberto, com o olhar atento de quem está de fora, a observar o desenvolvimento das discussões em torno da política, comenta, com um tom melodramático (também a representar?), que lhe causa impressão:

o ar sério com que todos representam o seu papel. Como todos, por um momento, supõem que esta casa é o país inteiro, (...) e que aqui se decifram os grandes acontecimentos, se decidem as grandes linhas da evolução futura. E como se sentiriam terrivelmente desprotegidos se suspeitassem que não legislam sobre coisíssima nenhuma, que se limitam a passar tempo, em substituir por palavras as horas, os minutos, os segundos! (p. 29)

A fala da Guilhermina elucida um olhar crítico sobre a história que está a se fazer, uma história que não é construída por ações, atitudes, acontecimentos, mas por palavras que não têm sentido, vazias, que não possuem a força necessária para desencadear a ação pretendida. “Talvez a teia da história e do mundo se confunda com as palavras e esta sala seja efectivamente tudo quanto existe no universo ou pelo menos o modelo do universo” (p. 29), acrescenta João Gilberto, que vê tais palavras como significantes a que não corresponde nenhum significado, como a produção de “símbolos que nada simbolizam.” (*STR*, p. 29) Tanto a Guilhermina como o João Gilberto julgam com certa superioridade o comportamento desses homens que se reúnem em torno de um objetivo comum, ironizam suas atitudes. Todavia, os dois são repreendidos pelo velho professor que acredita que quatro ou cinco daqueles homens “fazem efectivamente história, serão ministros quando o Salazar cair,” (p. 30) eles estão a legislar. Herculano dos Santos acredita que a sala onde estão é uma “antecâmara da história” (*STR*, p. 30) e conclui que não podem esquecer que a mediocridade política deles será “a única possível” (p. 31).

As reflexões feitas por João Gilberto nos revelam um sujeito perspicaz, inteligente e sobretudo capaz de minuciosa análise da realidade que o cerca e em que se insere. As contradições e a complexidade da realidade exterior impingem-lhe uma atitude de reserva. Ele pondera sobre a realidade e a examina com as lentes do intelectual que é, com o seu conhecimento abrangente da civilização humana. Dessa análise, provém uma profunda descrença no bem-estar social como fruto do socialismo que defende. A desconfiança da eficácia do próprio princípio ideológico que segue torna-o inativo, sem motivação para executar qualquer ação, mesmo que seja a corriqueira

revalidação do cartão de identidade vencido há dois meses, que é sempre adiada. Numa conversa com a Guilhermina confessa sua frustração, “um dos [seus] desgostos” (p. 165), de nunca ter sido preso na época do fascismo, quando lutava pela causa comunista no Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUD-Juvenil). Com a Maria Eugénia, que acaba de lhe contar que milhares de estudantes atacaram a bolsa de Paris, de repente surge-lhe a idéia que o vai perturbar todo o dia: se vivesse em Paris “estaria entre os leitores de que milhares de estudantes... ou entre os milhares de estudantes lidos nos jornais?” (p. 67) A seguir transpõe a cena para Portugal e “imagina amanhã um novo golpe em Beja, que o Salazar estoira” (STR, p. 68), que vão fazer os portugueses habituados a serem espectadores? Vão ser capazes de gestos semelhantes aos de Paris? E conclui com ceticismo que vão permanecer como espectadores, deixarão aos políticos as decisões. A respeito de *Sem tecto, entre ruínas*, o ensaísta João Camilo conclui que “estamos longe, com este romance, do idealismo utópico que identificava a queda de Salazar com a chegada de uma época de justiça, de bem-estar social, de felicidade individual.” (CAMILO, 1983, p. 431)

A cena mundial que serve de pano de fundo ao romance contribui para o agravamento desta frustração que sente João Gilberto; afinal, conforme o historiador Eric Hobsbawm (1995), o século XX iniciou em profunda crise (período que compreende as duas guerras mundiais – uma Era de Catástrofe), teve um tempo de mediação, cerca de vinte e cinco ou trinta anos, marcado por um extraordinário crescimento econômico e transformação social (período que, retrospectivamente, pode ser visto como a Era do Ouro) e que, nas três últimas décadas, se caracterizou mais uma vez pela decomposição, pela incerteza e pela crise, retornando, a partir dos anos noventa, ao sentimento melancólico de *fin de siècle*.

A ação romanesca passa-se no final da Era do Ouro, conforme denominação de Hobsbawm, apontando já fatos históricos que marcariam a decomposição e a crise do final do século, como a situação da África, da ex-URSS e dos territórios anteriormente socialistas da Europa. Além disso, há o totalitarismo catastrófico dos países periféricos, também matéria refletida no romance abelairiano, como o “o golpe de Estado no Peru, [onde] uma junta militar, dirigida pelo general Alvarado, toma conta do poder” (p. 148), “dia sangrento na capital do México – Mais de trinta estudantes mortos e centenas de feridos” (p. 152), “a polícia brasileira ocup[a] o centro de São Paulo para pôr termo aos distúrbios entre estudantes” (p. 157). Trata-se de um mundo em desarmonia cujo reflexo está presente não só em Portugal, realidade reproduzida mais de perto, mas também nos outros países, inclusive naqueles onde vigora a democracia e a liberdade, como nos Estados Unidos da América, “que no Vietname mata, que explora o mundo por toda parte, que ajuda as ditaduras fascistas” (p. 57).

É verdade também que João Gilberto relembra grandes políticos que mudaram drasticamente os rumos da História, como Napoleão e Hitler, perguntando-se se “os crimes serão necessários, [se] apressarão a História” (p. 150). Tenta justificar tantas barbáries que a História já viveu e as que está a viver. Enfim, João Gilberto volta a sua atenção para os últimos acontecimentos mundiais, vive e pensa as tensões do seu tempo, pesando os aspectos positivos e os negativos de cada fato. E embora nunca participe das discussões com os demais amigos na casa do Bastos, fala sobre política e expõe sua opinião fora desse círculo, principalmente com seu professor do liceu, Herculano dos Santos, que o acusa de certa irresponsabilidade por nada fazer, por delegar a culpa ao sistema, porque o socialismo exige um comprometimento e uma dedicação a tarefas de caráter social. Para o professor, o socialismo “não pode permitir o homem que se demite, que nada faz, que não se empenha numa tarefa socialmente útil. Esse homem é efectivamente anti-social. E ser anti-social é privilégio que só um regime de classes faculta” (p. 184). Por essa banda, João Gilberto está do lado dos exploradores, pois quer uma liberdade para viver ocioso, “a liberdade de não [se] empenh[ar], de viver anarquicamente sem um objetivo”. (STR, p. 184)

No entanto, parece-nos que a inércia de João Gilberto pode ser explicada pela visão arguta e imparcial que tem dos fatos e da complexidade da realidade. Para ele, o marxismo, tal como foi

concebido por seus fundadores e difundido a partir da revolução de 1917, na Rússia, está fadado ao fracasso. Em conversa com Miguel, o filho revolucionário de Maria Eugénia, João Gilberto defende sua posição acerca da sua concepção do socialismo:

O socialismo e antes dele o cristianismo exigem demasiado dos homens, supõem-lhes um destino, que ainda não são homens, que vivem na Pré-História... O socialismo exige tanto que, como na China, quando os homens começam a descobrir as seduições da vida material, o Mao se sente obrigado a reeducá-los, a fazer revoluções culturais, puros esforços para realizar o ascetismo decidido pela cabeça dele mas que nada tem que ver com os homens de carne e osso. A Revolução Cultural só dará os seus efeitos dentro de quatro gerações, disse Mao no outro dia. E entretanto, as três gerações? Sem já falar que vive uma ilusão ingénua. Morra ele e a sua revolução cultural irá para o galheiro. Como sempre. (p. 186-187)

A aproximação entre o socialismo e o cristianismo se explica na medida em que ambos pregam a privação do homem, o primeiro por acreditar no bem-estar comum a todos na terra e o segundo por crer na transcendência pós-morte. Nesse sentido, é fácil tomar conhecimento de que há inúmeros vícios a corromper os homens; no caso do socialismo, há o capitalismo, e no cristianismo, os pecados contra as leis da Igreja de Deus. Ambos pressupõem que os homens estão em evolução, vivem na pré-história e, por isso, necessitam cada um da sua doutrina para ascender ao verdadeiro mundo, à história, e enfim realizar o ascetismo. No entanto, tal propósito exige dos homens forças que estão além das suas possibilidades, como Mao que exige demasiado do seu povo, esquece que são humanos e nutrem desejos, privando-os totalmente do vício burguês. E João Gilberto conclui que “o socialismo, salvo quando se aburguesa, como na URSS, é um espiritualismo, ignora que os homens são feitos de matéria e não de espírito” (*STR*, p. 187). Para ele, o marxismo só poderá dar bons frutos quando houver uma filosofia materialista, sem os complexos espiritualistas. Afinal, João Gilberto tem a consciência aguda de que o bem-estar que o homem almeja é utópico e, talvez, perceba também que há um princípio de realização somente em quem ainda crê na existência de um mundo melhor e luta para defendê-lo.

## **Conclusão**

A degradação do sujeito decadentista e o mal-estar *fin de siècle* reaparecem nesse conturbado final de século XX, como bem atestam o desconcerto e a desintegração da personagem João Gilberto. Se nas *Memórias* Raul Brandão avalia a condição e a existência do homem, pesando as contraditoriedades e falências que o cercam, em *Sem tecto, entre ruínas*, a personagem abelairiana sente-se incapaz de atingir a realização ou sequer um princípio de bem-estar. João Gilberto encarna a consciência amarga da inutilidade de um gesto para tentar mudar o rumo da história, seja a sua história ou a história de seu país; enfim, constata que o indivíduo comum não tem forças para interferir no desenrolar da história da humanidade.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ABELAIRA, Augusto. *Sem tecto, entre ruínas*. Amadora: Bertrand, 1979.
- [2] BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- [3] CAMILO, João. Augusto Abelaira e Vergílio Ferreira: plenitudes breves e absolutos adiados. *Arquivos do Centro Cultural Português de Paris*. Lisboa; Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. p. 413-468.
- [4] HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- [5] RUAS, Luci. *Sem tecto entre ruínas*, romance de um tempo de espera. In: XIX ENCONTRO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2003, p. 558-564.

---

<sup>1</sup> Edimara Luciana SARTORI, Profa. Dra.

Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, Unidade de Ensino de Passo Fundo (CEFET-RS).

E-mail: edimara.sartori@ig.com.br